

HERRERA, J. A.; MOREIRA, P. ESPACIALIDADE DO MEDO E INSEGURANÇA PÚBLICA: Ensaio sobre os efeitos da UHE Belo Monte na cidade de Altamira no Pará. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v.3, n.2, p. 48 – 63, mai/ago, 2015.

ESPACIALIDADE DO MEDO E INSEGURANÇA PÚBLICA: Ensaio sobre os efeitos da UHE Belo Monte na cidade de Altamira no Pará

SPATIALITY OF FEAR AND PUBLIC INSECURITY: thesis on the effects of the Belo Monte Hydroelectric in the city of Altamira in Pará

ESPACIALIDAD DEL MIEDO Y LA INSEGURIDAD PÚBLICA: ensayo sobre los efectos de la Hidroeléctrica de Belo Monte en la ciudad de Altamira, Pará

José Antônio Herrera ¹

Rodolfo Pragana Moreira ²

RESUMO

As discussões sobre as espacialidades do medo e a insegurança pública na geografia, configuram-se incipiente na produção do pensamento geográfico. O mote neste artigo está em compreender as desigualdades sócio-espaciais consolidadas com a construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte (UHE Belo Monte) na Microrregião de Altamira. Para isso, analisaram-se dados secundários de organizações públicas e websites que tratam das problemáticas estruturadas no texto, mormente acerca da expansão do medo e da insegurança social na cidade, variáveis consolidadas pelas dinâmicas sócio-espaciais no bojo da construção da hidrelétrica. Sobre o contexto, percebeu-se existir um avanço exponencial nas representações sociais do medo e na materialização de desigualdades face a construção de um projeto que tem como discurso o desenvolvimento socialmente correto e ambientalmente sustentável.

Palavras – chave: Cidade na Amazônia. Insegurança Pública. Transformações Socio-espaciais.

ABSTRACT

Discussions on the spatiality of fear and lack of public safety in geography, configure up incipient in the production of geographical thought. The motto of this article is to understand the socio-spatial inequalities consolidated with the construction of the Belo Monte Hydroelectric Plant (UHE Belo Monte) in the micro-region of Altamira. For this, we analyzed secondary data from public organizations and official websites dealing with problems in structured text, especially on the expansion of fear and social insecurity in the city, consolidated variables by socio-spatial dynamics, socioeconomic and demographic bulge in the construction the hydroelectric plant. In truth, it was realized there is a quantum leap in the social representations of fear and materialization of inequalities in the construction of a project whose speech the socially correct and environmentally sustainable development.

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA), Professor e Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Geografia. Líder do grupo de estudos Desenvolvimento e Dinâmicas Territoriais na Amazônia – GEDTAM. E-mail: herreraxingu@gmail.com.

² Universidade Federal do Pará (UFPA), Pesquisador no Grupo de Estudo Desenvolvimento e Dinâmicas Territoriais na Amazônia (GEDTAM).



Key world: Amazon. Large projects. Transformations Socio-spatial.

RESUMEN

Las discusiones sobre la espacialidad del miedo y la falta de seguridad pública en la geografía, configurar hasta incipiente en la producción del pensamiento geográfico. El lema de este artículo es entender las desigualdades socio-espaciales consolidadas con la construcción de la Central Hidroeléctrica de Belo Monte (UHE Belo Monte) en la micro-región de Altamira. Para ello, se analizaron datos secundarios de las organizaciones públicas y los sitios web oficiales que se ocupan de los problemas en texto estructurado, especialmente en la expansión del miedo y la inseguridad social en la ciudad, las variables consolidados por la dinámica socio-espaciales, abultamiento socioeconómico y demográfico en la construcción la central hidroeléctrica. En verdad, se dio cuenta de que es un salto cualitativo en las representaciones sociales del miedo y la materialización de las desigualdades en la construcción de un proyecto cuyo discurso el desarrollo socialmente correcto y ambientalmente sostenible.

Palabras-claves: Amazon. Los grandes proyectos. Transformaciones Socio-espacial.

Recebido em 27 de março de 2015

Aceito em 23 de julho de 2015

INTRODUÇÃO

Historicamente a Amazônia tem sido apropriada e dominada por múltiplos sujeitos que criam e recriam espacialidades diferenciadas, a exemplo disso a exploração do látex (borracha) no século XIX e a abertura da Rodovia Federal Transamazônica (BR-230) na década de 1970. Múltiplos são os estigmas, os processos e as histórias que compõem a complexa teia de sociabilidade histórica edificada nesta porção do país.

Como processo vivido recentemente na Microrregião de Altamira, Sudoeste do Estado do Pará, na Amazônia Oriental, a implantação da Hidrelétrica Belo Monte (UHE Belo Monte), tem se percebido transformações materiais (funcionais) e imateriais (simbólicas) que são condição, meio e produto da expansão urbana e das transformações demográficas inscritas ao longo do escopo do texto.

Altamira, majoritariamente, agrupa as consequências da construção da UHE Belo Monte, processo iniciado no ano de 2011. Dentre essas consequências destacam-se o medo, a insegurança pública e as múltiplas rupturas sócio-espaciais no interior daquele espaço. A UHE Belo Monte é um projeto arquitetado desde a década de 1970, mas que foi executado após o ano de 2011 pelo Programa de Aceleração Para o Crescimento (PAC) do Governo Federal, como obra estratégica para o desenvolvimento e a modernização do país. Em meio a esse contexto, o objetivo principal deste trabalho é analisar as representações sociais do medo como propulsoras de espaços do medo, ou espacialidades do medo, na cidade de Altamira.

Tem-se no escopo deste texto impressões baseadas nas ciências geográficas acerca das desigualdades sócio-espaciais instaladas pelo crescimento urbano-regional desordenado com as dinâmicas anteriores e posteriores a construção da usina. Por observar a necessidade de sistematizar reflexões que estruturam uma geografia para o desenvolvimento social e local, não por defender um localismo atomizante, mas por entender que a diversidade das dinâmicas locais precisa ser um elemento pujante para o desenvolvimento.

Este texto resulta de ações de pesquisa do Grupo de Estudo Desenvolvimento e Dinâmicas Territoriais na Amazônia (GEDTAM), que desde 2011 procura entender as transformações sócio-espaciais e suas consequências na Microrregião de Altamira, como aporte para pesquisa o GEDTAM conta com os projetos: "Cartografia social da violência e insegurança pública nos municípios diretamente afetados pelo empreendimento Belo Monte no Estado do Pará" financiado pela Fundação Amazônia Paraense de Amparo à Pesquisa - FAPESPA, Edital 005/2014 e "As múltiplas transformações no município de Altamira ocasionadas pelo empreendimento Hidrelétrico de Belo Monte" financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Edital Ciências Humanas 2014".

Desse modo, o artigo segue a seguinte estrutura: 1. Introdução (apresentação e contextualização da temática); 2. Discussão sobre a construção de espacialidades do medo no processo de integração da Amazônia; 3. Releitura do espaço como categoria para entendermos a espacialização do medo e da insegurança na Amazônia; 4. Metodologia de pesquisa; 5. Discussão dos resultados - transformações sócio-espaciais como propulsoras do medo e da insegurança pública em Altamira; 6. Para não concluir

onde estabelecemos algumas relações de reflexão sobre os resultados e os desafios proporcionados pelo desenvolvimento da pesquisa.

DA INTEGRAÇÃO DA AMAZÔNIA A CONSTRUÇÃO DE ESPACIALIDADES DO MEDO

Embora se considere a década de 1970 como marco do processo de ocupação da fronteira amazônica, a iniciativa de integrar a região à economia nacional já vinha sendo planejada e executada, há algum tempo, desde pelo menos a década de 1950, quando o Governo Federal considerou que as dinâmicas locais ou o povoamento por migrantes descapitalizados não garantiriam o desempenho regional esperado (HERRERA, 2012). Em meados da década de 1970, o Estado Nacional assumiu o papel de indutor do processo, estimulando o acesso das empresas à região e, por consequência, a configuração de territórios de contradições e conflitos.

A expansão da fronteira capitalista como povoamento dirigido pelo Estado provocou conjuntamente a expansão da urbanização na Amazônia, (SANTOS, 1991). Sobre a superposição de fronteiras e a relação fronteira agrícola e fronteira urbana:

Muito se falou na expansão da fronteira agrícola [...] mas ela foi sempre o início de uma fronteira urbana, porque o urbano precedeu a própria expansão agrícola. Os núcleos urbanos eram os núcleos de agregação, de mobilização da força de trabalho, da mão de obra, e era aí que os 'gatos' vinham pegar os peões, os núcleos urbanos foram fundamentais para a devastação da floresta e a expansão da pecuária. Portanto, não era uma fronteira para a produção agrícola no sentido em que comumente se pensa o espaço agrário. (BECKER, 2011, p. 24).

As transformações demográficas, resultantes da migração e da urbanização na Amazônia, modificaram a importância das cidades, principalmente das cidades ribeirinhas, assim como causaram (e ainda causam) uma ruptura cultural, advinda do contato dos sujeitos tradicionais com os novos sujeitos do território, no bojo do processo de integração da Amazônia.

Pondera-se que exista uma correlação direta da integração da Amazônia, por não ter sido natural, com potenciais estranhamentos sociais materializados no espaço. Têm-se as espacialidades do medo e a insegurança pública como processos decorrentes da "integração às avessas" na Amazônia, no qual Loureiro (2002) diz se constituir pela intervenção humana baseada nos grandes projetos e na agropecuária escamoteando os interesses da população local.

Queiroz (2001) disserta que o aumento da violência é condição para transformação dos espaços, em espaços do medo, ou na constituição de espacialidades do medo, pois independentemente do crime ser desigualmente distribuído na cidade as marcas da insegurança coexistem em diversas escalas intraurbanas, fazendo-se perceber padrões sociais distintos, uma arquitetura urbana caracterizada pelo aumento de objetos de segurança privada e a constituição de paisagens defensivas.

Uma condição histórica para a criação dessas espacialidades é a integração do território. Para Brandão (2007), é resultado da intervenção humana no alicerce das diferentes escalas e períodos, faz-se condicionando a natureza e modificando as bases políticas, econômicas e sociais. Um exemplo clássico desta intervenção humana foi e ainda é a exploração econômica condicionada pelas necessidades das elites nacionais, induzidas pela demanda difundida no mercado global.

No espaço amazônico, a expansão do capitalismo, historicamente, tem alterado os meios e relações de produção, de tal modo que substitui os modelos tradicionais de uso dos recursos naturais por um sistema econômico integrado, globalizado, pautado na modernização e com sua forma de produção e organização do trabalho. Noutros termos, a exploração dos recursos naturais passa a ser feita de forma mais intensa, provocando a escassez de certos recursos, ameaçando a estabilidade ecológica e populações que não acompanham a dinâmica do capital, sendo essas exploradas ou espoliadas em detrimento da produção capitalista. (HERRERA; MIRANDA NETO; MOREIRA, 2013, p.21)

Caracterizar a integração da Amazônia e relacioná-la a formação de espacialidades do medo é possível, principalmente ao analisar a obra de Chagas, Nunes da Silva e Palheta da Silva (2014) que dissertam sobre a produção do espaço pelo aumento da violência, no espaço paraense, como consequência das transformações regionais materializadas ao longo das últimas décadas.

Ao corroborar com Sposito e Góes (2013), por entenderem a violência como um conteúdo polissêmico (violência física e violência psicológica; violência e contra violência; violência criminalizada e violência consentida; violência interpessoal e violência da pobreza) ambos, inseridos no que as autoras denominam de violência urbana, como um processo articulador dos variados tipos de violência. Conjectura-se que a expansão da violência na Amazônia, no bojo da integração do espaço a economia-mundo, pode ser que transpasse a questão policial e imprima uma questão simbólica inserida no interior da sociedade.

Herrera (2012) aborda que a mudança na exploração dos recursos naturais influenciou na degradação do ambiente e ocasionou o agravamento dos problemas sociais. A partir dos anos 1970, a urbanização difusa e problemática, pode ter causado crescentes espacialidades do medo, de choque cultural e de modificações nos modos de vida da população local.

As reflexões feitas remetem ao entendimento de que a integração da Amazônia reproduziu desigualdades, contradições, choques na relação sociedade-espaco-sociedade e medo. A modernização às avessas como mencionada, contraria a geografia para o desenvolvimento, a bem da verdade, representa os equívocos políticos, sociais e econômicos que impregnaram o espaço ao longo da história, ou melhor, dizendo, que corroboraram para o anacronismo recorrente na formação sócio-espacial produzida na Amazônia. No próximo item, pretende-se discutir o espaço como categoria para subsidiar a construção de espacialidades do medo.

RELEITURA DO ESPAÇO PARA ENTENDER A ESPACIALIZAÇÃO DO MEDO NA AMAZÔNIA

No trabalho, as percepções sobre a produção do espaço, podem representar temas potenciais para futuros estudos da geografia para o desenvolvimento na Amazônia, isto, pelo emaranhado de sujeitos, de tempos e de histórias que desconstruem símbolos, representações e identidades. Nas cidades amazônicas existem grandes complexidades, produto das diferenciações espaciais nessa região, pode-se citar: 1. Amazônia metropolitana; 2. A lógica da cidade ribeirinha e das pequenas cidades; 3. A lógica das cidades corporativas ou company towns, e; 4. A lógica das cidades médias etc. (TRINDADE JR. E ROCHA, 2002). O intento não é classificar ou esgotar reflexões sobre os tipos de cidade na Amazônia, mas sim esboçar a propósito da sua complexidade com foco em Altamira.

Sobre o espaço, como elemento de fundamental importância na compreensão da realidade, faz-se necessário retomar uma obra seminal de Santos (2012, p.63), na qual ele conceitua o espaço:

[...] é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá [...] Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2012, p.63).

Santos a posteriori traz o raciocínio contínuo e afirma:

A nosso ver, a questão a colocar é a da própria natureza do espaço, formado, de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo e, de outro, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. (SANTOS, 2012, p.106).

Os trechos supracitados, do livro "*A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*", publicado originalmente em 1989, por Milton Santos, faz a provocação, o pôr a pensar, a respeito da produção do espaço. Não só isso estimula entender que a produção se tem ou se faz pelos diferentes elementos da vida social, de tal modo que o geógrafo, reconhecidamente crítico, remete-se ao termo "emoção" para discutir os aspectos mais subjetivos vinculados à produção do espaço na geografia.

Sobre a realidade vivenciada, tem-se Altamira como área de contato de dessemelhantes sujeitos sociais e, naturalmente, culturais, muito antes de o espaço ser ou estar intrincado por relações políticas do setor energético, ele se caracteriza por significações subjetivas inscritas na relação sociedade-espaço-sociedade, que podem revelar não apenas abordagens materiais, mais também imateriais, na e para a produção do espaço na Amazônia.

É o aumento exacerbado da violência que faz emergir as espacialidades do medo, como abordado, a cidade de Altamira é cerceada pelo sentimento de insegurança e por elementos que tentam distanciar a população do crime, como

(muros, cercas elétricas, alarmes, placas de segurança etc.) na construção do espaço da cidade. Pauta-se, neste texto, a interpretação a partir do espaço, por entender sua dimensão fundadora do ser, de modo que elementos que condicionam o urbano de Altamira, estarão noutros textos, subsidiando as interpretações sobre a percepção do medo e da insegurança.

Reconhecidamente o espaço transpassa elementos quantificáveis ou materiais, compreendendo também, as simbologias e identidades que permeiam a complexidade das dinâmicas espaciais.

A ideia de espaço evoca as diferentes formas assumidas pelo processo de estruturação social. Nesse sentido, o espaço, mais do que manifestação da diversidade e da complexidade sociais, é, ele mesmo, uma dimensão fundadora do 'ser no mundo', mundo esse, tanto material quanto simbólico, que se expressa em formas, conteúdos e movimentos. (CASTRO; GOMES; CÔRREA; 2012, p.7).

Dessa forma, o espaço não é *uno*, mas *pluri*, não é contíguo, mas sim formado por fissuras descontínuas, construído por formas e conteúdos materiais e imateriais. É condição, meio, reflexo e produto da vida social. As abordagens, propriamente geográficas, devem colocar o espaço como *práxis* central para a constituição de reflexões científicas, Corrêa (2012) e Carlos (2011).

O olhar geográfico indica que as práticas e os símbolos do medo estão imbricados no espaço e, assim, produzem diferentes formas de olhar e viver que contribuem para compreensão doutros conceitos da geografia.

De acordo com Santos (2012) é no olhar das relações sociais com o espaço que se compreende a totalidade social. Para o autor, o conhecimento da totalidade pressupõe, assim, sua divisão. Pois, "o real é o processo de cissiparidade, subdivisão, esfacelamento". Essa é a história do mundo, do país, de uma cidade. Pensar a totalidade, sem pensar a sua cisão é como se a esvaziássemos de movimento. (SANTOS, 2012, p.118). Pois, conforme indica:

A totalidade está sempre em movimento, num incessante processo de totalização, nos diz Sartre. Assim, toda totalidade é incompleta, porque está sempre buscando totalizar-se. Não é isso mesmo o que vemos na cidade, no campo, ou em qualquer outro recorte geográfico? Tal evolução retrata o movimento permanente que interessa à análise geográfica: a totalização já perfeita, representada pela paisagem e pela configuração territorial e a totalização que se está fazendo, significada pelo que chamamos de espaço. (SANTOS, 2012, p.119).

A questão da totalidade, conforme o autor esclarece, não remete a pretensão que haverá a compreensão do todo. Pois, entende-se que o todo, totaliza-se na dinâmica social e sua relação com o espaço. As reflexões pretendem ensejar, que muitas leituras do espaço são possíveis e necessárias, sobretudo na Amazônia. Castro, Gomes e Corrêa (2012) destacam que nenhuma (das leituras do espaço) é superior a outra, e cada uma revela uma faceta da multiplicidade desse objeto de investigação e análise para a geografia. Por isso, destaca-se a seguir o recorte metodológico adotado

em pesquisa pelo grupo de estudo (GEDTAM) e que baliza a construção da interpretação feita neste texto.

METODOLOGIA

É preciso transpassar dicotomias, ambiguidades, subdivisões e pontos opacos percebidos na construção do pensamento geográfico, e a metodologia constitui-se como um ponto central nesse objetivo. De acordo com Alves (2008) por metodologia entende-se o conjunto de materiais e métodos utilizados na investigação, composto por uma subdivisão lógica na meta de compreender a realidade.

Na compreensão da realidade é crucial marcar que o "pesquisador profissional deve imbuir-se das limitações de seu conhecimento sobre a realidade local, admitir relativa ignorância da realidade, esforçar-se para compreender empaticamente as necessidades, expectativas e sentimentos das pessoas" (CHIZOTTI, 1991, p.94). As técnicas para a coleta de dados foram amparadas pela pesquisa empírica, no qual se explicita.

Ao mesmo tempo, construíram-se infindáveis técnicas de coleta e tratamento de dados, constituindo-se, hoje, legado importante e definitivo. O uso da estatística alargou muito o campo de trabalho, enquanto que também ofereceu base mais consistente para afirmações e generalizações. O trato da realidade empírica enriqueceu imensamente o repertório das análises, desde comportamentos mais formais da observação seca e distanciada, até a observação participante. (DEMO, 2008, p.37).

A coleta de dados e a estatística são elementos fundamentais que estruturam uma pesquisa científica, o trato da realidade possibilita desvelar as especificidades da relação da sociedade-espço. Elencar os itens dos procedimentos metodológicos é refazer o percurso da pesquisa e revelar como se chegou aos resultados tratados doravante.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram: 1. Análise empírica (composta pelo contato dos pesquisadores com a realidade e o cotidiano vivido na cidade); 2. Revisão de literatura (caracterizada pelo alicerce teórico do texto) e; 3. Consulta de dados secundários (no batalhão de Polícia Militar e de Polícia Civil, e pesquisas documentais em websites).

A organização dos dados se dividiu em três etapas: 1. Coleta (no qual os autores buscaram elencar órgãos que subsidiassem a pesquisa); 2. Sistematização (baseado na organização dos dados disponíveis) e; 3. Análise (caracterizada pela realidade vivenciada e pela revisão de literatura).

Os autores relatam, ainda, a necessidade pelo contato direto entre sujeito e objeto, transpassando dicotomias e deixando de lado análises unilaterais. Apesar do uso da estatística e de técnicas de alto rigor científico, não se crer que as abordagens sejam marcas de um espaço estático, tampouco regular, as abordagens ratificam, sobremaneira, a própria história como movimento do real.

Pondera-se que analisar dados secundários seja motivo de variadas críticas na academia, mas não se pode deixar de relevar a importância desses números,

interpretados pelo Estado como quantificações que representariam a realidade. Não que seja o contrário, mas é importante saber das limitações de tabulação, de organização e de tratamento dessas informações por parte das instituições públicas. Sobre isso, e as técnicas utilizadas no escopo do trabalho, evidencia-se:

O uso do computador e softwares específicos permitiu grandes sofisticções, bem como a formação de banco de dados e processos interpretativos entre pesquisadores, que viabilizam o acompanhamento de fenômenos ao longo do tempo sob forma bastante controlada. (DEMO, 2008, p.37).

O *software* utilizado para a tabulação e o tratamento dos dados é o *MicrosoftExcel 2013*, especificamente na segunda e na terceira fase de organização dos dados, Demo (2008) relata que a sistematização da pesquisa empírica e a experimentação da realidade são trunfos científicos que resguardam à metodologia. Os dados apresentados no texto são parte de relatórios públicos disponíveis nas entidades acompanhadas, e também de *websites* que estão disponíveis para consulta da comunidade.

Morin (2005) acerta que o método só pode se construir durante a pesquisa. Portanto, ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo é transformado em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método. Nas palavras do autor, "o método se ajusta com o fenômeno e não o fenômeno que se ajusta com o método" (ALVES, 2008, p.228). Reafirmando a atenção com as transformações no curso de pesquisa e a forma de olhar a relação sujeito-objeto intrincada no estudo.

Neste texto, apresentam-se dados secundários a partir de estatísticas de órgãos públicos, como Polícia Militar e Civil de Altamira. Importante frisar como fator limitante para interpretação aprofundada a própria série histórica, uma vez que as informações registradas pelas secretarias e pelos órgãos públicos, em alguns casos, não ultrapassam os últimos cinco (5) anos. A prática do registro aconteceu influenciada pelas necessidades de informação gerada com e pela implantação da usina. Registrando a ineficiente manutenção e organização do banco de dados que deveria subsidiar políticas públicas para o desenvolvimento local.

TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS COMO PROPULSORAS DO MEDO E DA INSEGURANÇA PÚBLICA EM ALTAMIRA

A construção da UHE Belo Monte, é um processo que embora se afirme como obra ambientalmente sustentável e alinhado com os interesses sociais e econômicos da sociedade brasileira, não concretiza potenciais melhorias de vida para população local, as precariedades sociais aumentam e a gestão do território não consegue abarcar os interesses principalmente dos sujeitos subalternos.

Importante pensar o conceito de "sócio-espacial ou espaço social", no qual Souza (2013) relata:

O conceito de 'espaço social', concenente ao espaço produzido pela sociedade, afirmou-se como um dos mais relevantes para os geógrafos da atualidade. Muito embora o 'espaço social' não deva ser simplesmente

reduzido à materialidade (como mostrarei paulatinamente e com ajuda de exemplos), ele também é, obviamente, e de partida, materialidade: um campo de cultivo e um estádio de futebol são realidades que exemplificam o espaço social, inclusive em um sentido material. Se eu quero me referir a um espaço de um estádio de futebol, com as marcações do campo, com as suas arquibancadas etc. eu posso falar da estrutura socioespacial, sem hífen: aqui, o 'social' meramente qualifica o espaço. Eu não estou fazendo referência direta às relações sociais que produziram o estádio, ou àquelas que o animam durante uma partida (as tensões e os confrontos entre torcidas, o jogo em si e os interesses econômicos e políticos eventualmente por trás dele...). (SOUZA, 2013, p.15).

Compreender as transformações sócio-espaciais e a implantação da UHE Belo Monte relaciona-se com o desenvolvimento econômico historicamente pensado e executado na Amazônia com projetos energéticos e agrominerais que pouco concretizam o discurso mencionado (desenvolvimentista), mas que transformam o espaço social e reestruturam as dinâmicas locais. Os projetos, maiormente, caracterizam-se pela expansão e valorização do capital em si mesmo, no qual pouco se materializou projetos ambientalmente corretos, tampouco alinhados a interesses sociais e econômicos do local.

Para ratificar sobre a importância da UHE Belo Monte e o contexto de implantação da usina, explicita-se:

O primeiro ano da Empresa foi marcado pelos trabalhos de estruturação do maior projeto de infraestrutura em andamento no País, cuja concessão foi leiloada pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) em 20 de abril de 2010. Um ano depois da assinatura do contrato de concessão, em 26 de agosto de 2011, a Norte Energia colocava definitivamente em marcha a gigantesca operação para construir a maior usina hidrelétrica 100% brasileira. Três anos depois, 54% das obras civis estão concluídas e um conjunto nunca visto no País de obras condicionantes transforma a realidade socioambiental da região do Xingu. (NORTE ENERGIA, 2014, p.1).

A observação empírica possibilita compreender que a implantação da usina transformou o espaço social e o cotidiano da população em Altamira, cidade que agrupa grande parte dos malefícios e benefícios da construção, mas que não foi transformado significativamente e positivamente pelo atendimento das condicionantes, obras inscritas no Estudo de Impacto Ambiental (EIA-RIMA) e no Plano Básico Ambiental (PBA). Embora haja a execução das condicionantes, o contexto de precariedade social avança em vários setores, a exemplo da violência pontuada no escopo do texto.

Nas correspondências eletrônicas da Norte Energia S.A., as quais os leitores acessam a partir do cadastro no site oficial da empresa, foi veiculado, em 21 de fevereiro de 2014, a informação:

Dados do Ministério do Trabalho e Emprego indicam que, em 2013, foram registradas 41.185 admissões em Altamira, com um saldo positivo de 15.053 vagas, um crescimento de 59,49% em relação a 2012. Destas, 14.029

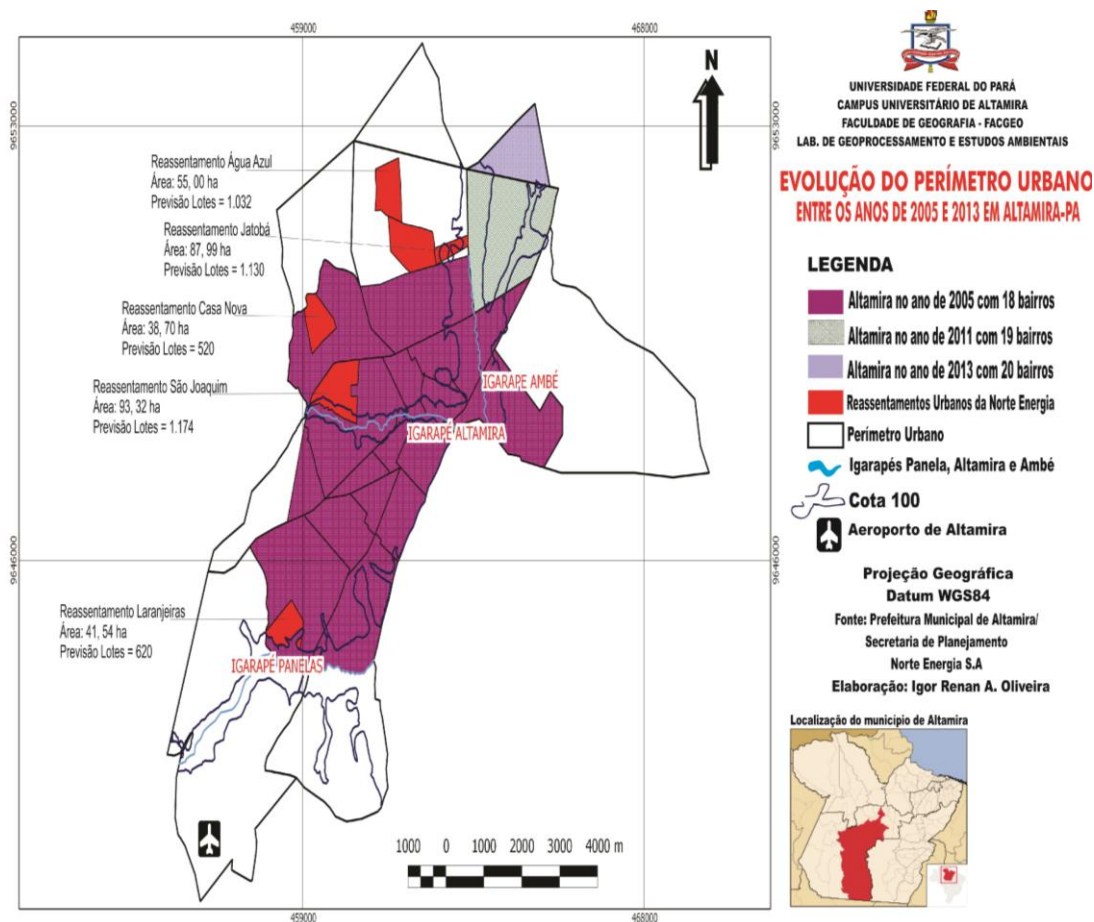
correspondem à construção civil, o que reforça a influência direta da UHE Belo Monte nessas estatísticas. (NORTE ENERGIA, 2014).

As mais de 40 mil admissões sejam com obras diretas e indiretas acopladas a construção da UHE Belo Monte, são de trabalhadores imigrantes, transformando estruturalmente as dinâmicas espaciais e demográficas de Altamira.

No mapa um (1), mostra-se a evolução do perímetro urbano em Altamira no período (2005-2013), como fator pujante para a expansão de desigualdades sócio-espaciais, do aumento da marginalização social e da insegurança pública na cidade, principalmente após 2011 ano que começa a construção da UHE Belo Monte. Dias e Chagas (2014) destacam que a urbanização acelerada e a reestruturação espacial são condições materiais para o aumento da violência e do medo na cidade, principalmente em espaços impactados pelas dinâmicas de um grande projeto.

A expansão da malha técnica da cidade, como evidenciada no mapa, acontece concomitantemente à chegada de migrantes e a necessidade por moradia. Sabe-se que realocação de pessoas causada pela Hidrelétrica e os movimentos internos da cidade, reconfiguram o espaço urbano e reestruturam as dinâmicas sócio-espaciais. Para Dias e Chagas (2014) o aumento da violência na cidade da Amazônia historicamente está atrelada ao crescimento da malha urbana.

Mapa 1 - Evolução do perímetro urbano entre 2005-2013



Fonte: Relatórios Cartográficos do GEDTAM, 2014.

Sobre isso, e a propósito das estatísticas de segurança pública, que possibilitam versar sobre a insegurança e a expansão do medo como conteúdos que concretizam espacialidades instáveis na estruturação do todo social, principalmente face ao crescimento da cidade. Estatísticas da Polícia Civil (2011) evidenciam:

Foram registrados na delegacia de polícia civil em Altamira no ano de 2011, 278 (duzentos e setenta e oito) flagrantes, 100 (cem) portes ilegais de armas, 47 (quarenta e sete) homicídios, 02 (dois) latrocínios, 31 (trinta e um) estupros, 439 (quatrocentos e trinta e nove) lesões corporais, 536 (quinhentos e trinta e seis) ameaças, 74 (setenta e quatro) armas de fogo apreendidas, 55 (cinquenta e cinco) traficantes presos, 604 (seiscentos e quatro) registros de roubo e o maior índice de registros foi o de furto com 1.101 (hum mil, cento e um) ocorrências. Também em 2011 foram efetuadas 451 (quatrocentos e cinquenta e uma) prisões, dentre essas 60 (sessenta) são de adolescentes, ainda neste ano a polícia apreendeu 1,907kg (um quilo e novecentos grama) de crack já transformados em 480 (quatrocentas e oitenta) pedras e 192,70mg (cento e noventa e duas gramas e setenta miligramas) de maconha e ao longo de 2011 a polícia civil desenvolveu, 21 (vinte e uma) operações específicas. (RELATÓRIOS POLÍCIA CIVIL, 2011, p.1).

Segundo a mesma fonte, o número de prisões efetuadas passou de 231 em 2010, para 451 em 2011, aumento de cerca de 95% em um (1) ano, o número de prisões está associado ao aumento populacional a partir do período que marcou o início das obras. Isso influencia no medo e na insegurança da população, sobremaneira em função do contexto social de fortes transformações sócio-espaciais na cidade de Altamira.

O aumento da violência é causa substancial, mas não única, para a expansão do medo, e para a reprodução de espacialidades que cristalizam a ideia de insegurança pública tão comentada na cidade. Foi percebido em pesquisa que as redes sociais, em função da capacidade de fazer circular as informações, tem contribuído cotidianamente para o aumento do medo, muitas vezes, devido veicular a situação diferente do contexto real, provocando proporção inimaginável no espaço social. De acordo a matéria on-line da revista Isto é (2011, p.?), na qual aponta:

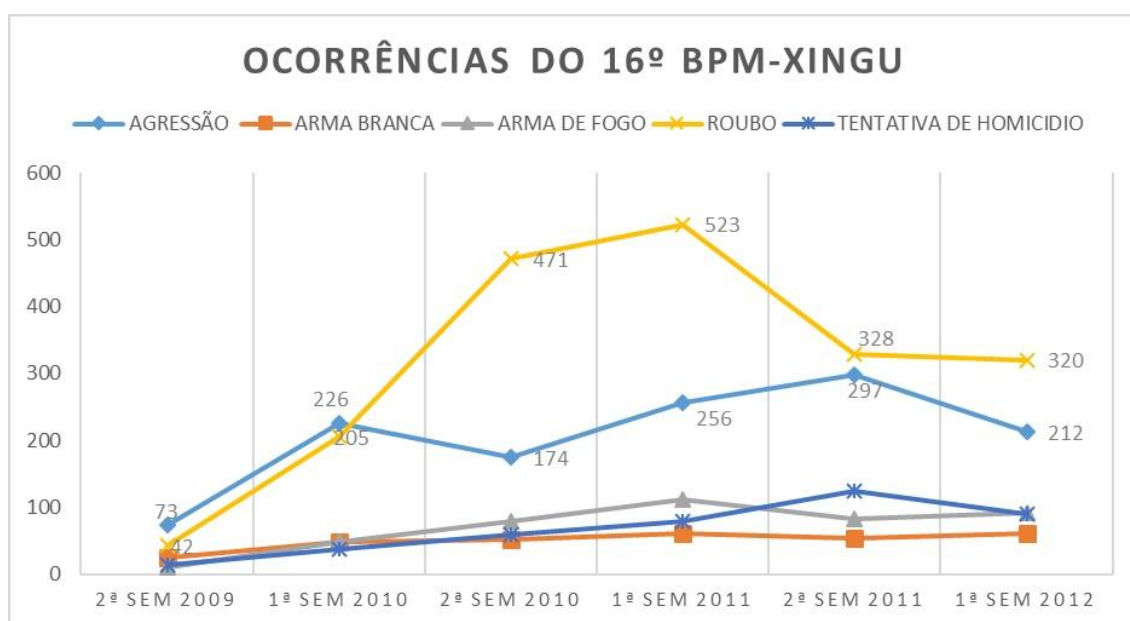
Nos últimos anos, poucas obras despertaram tanta polêmica quanto a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, no Pará. A controvérsia está longe de se limitar ao impacto sobre o meio-ambiente e nas comunidades indígenas ou de ribeirinhos que deverão ser deslocadas para que a usina seja instalada. Autoridades policiais, lideranças de movimentos sociais e moradores apontam o fluxo populacional gerado pela obra, iniciada em junho passado, como um dos fatores responsáveis pelo aumento de alguns dos índices de violência nos 11 municípios atingidos diretamente pela hidrelétrica. Tráfico de drogas, estupros, ameaças, porte ilegal de arma, flagrantes e lesões corporais são crimes que registraram elevação considerável nas estatísticas policiais. (ISTOÉ, 2011, p.1).

Em termos estatísticos, segundo a Isto é (2011), ao citar dados da Polícia Civil de Altamira/Pará, o número de flagrantes aumentou 62% e a quantidade de armas apreendidas subiu 379% comparando-se 2010 com 2011, de acordo com dados da Superintendência da Polícia Civil no Xingu. De acordo com a mesma matéria, fazendo referência a pesquisa realizada pelo Instituto Sangari, o número absoluto de homicídios em Altamira subiu 56,7%, nos últimos três anos (ano base 2009).

Esses números convergem com estatísticas de outro órgão de segurança, o 16º Batalhão de Polícia Militar do Xingu (16º BPM-Xingu, 2012). Como se esclarece no gráfico um (1), que embora não apresente uma série temporal de análise com muita amplitude, não desmerece ou escamoteia a escalada do crime registrado após o ano de 2011. Ano que coincide com o início das obras na UHE Belo Monte.

As estatísticas concedidas pelo 16º BPM-Xingu (2012) têm dados sistematizados apenas do período entre o 2º semestre de 2009 e o 1º semestre de 2012, os demais dados, ainda estão sendo sistematizados para análise externas à polícia militar. No gráfico, percebe-se que os crimes, majoritariamente, tem seu pico entre o 2º semestre de 2010 e o 2º semestre de 2011, a partir do qual os crimes elencados começam a ser controlados.

Gráfico 01: Valores absolutos de ocorrências sistematizados pelo 16º (BPM-Xingu) entre o 2º semestre de 2009 e o primeiro semestre de 2012



Fonte: 16º (BPM-Xingu).

Há o destaque para o repentino aumento dos roubos e agressões, provavelmente em função do aumento populacional de exército de reserva, que tem causado uma masculinização demográfica (aumento da população masculina de trabalhadores para trabalhar na obra) típica de cidades que comportam grandes obras hidrelétricas. O aumento das ocorrências, contribuem para a criação de representações sociais do medo, característica dos saberes sociais, ou seja, do bate-papo da população, das formas de se relacionar e se movimentar na cidade, reitera-se, a própria população

dissemina, involuntariamente, as espacialidades do medo, tanto no centro quanto na periferia de Altamira.

Em Altamira – PA embora o crime seja distribuído desigualmente, as espacialidades do medo e a insegurança envolvem a cidade como um todo. Isso não quer dizer que o sentimento de insegurança seja o mesmo (ou com a mesma intensidade) para todos, mas não desmerece o indício de que as espacialidades do medo estão intrincadas na cidade e podem vitimar pessoas de todos os grupos ou classes sociais.

O tráfico de drogas, principalmente nas áreas periféricas, também tem aumentado, dados da matéria on-line da revista Isto é (2011) relatam o crescimento entre 2010 e 2011 de cerca de 85% de traficantes presos em Altamira. Isso ratifica mais que a possível circulação de entorpecentes na cidade, ajuda a construir também um contexto de medo e reestrutura a relação que a sociedade mantém com o espaço, na medida em que alguns espaços passam por um processo de taxaço e marginalizaço sócio-espacial, isso, para além dos dados da polícia, existe uma trama simbólica que a própria sociedade cria em função de algumas práticas sociais, como o tráfico de drogas.

Áreas onde existe o tráfico de drogas formam conflitos sociais que (re) produzem espacialidades do medo, pois a relação dos traficantes com a população local nem sempre é estável, além de se constituir em áreas com ações policiais frequentes e cuja composição demográfica é caracterizada por agentes sociais com uma inserço precária na totalidade social.

Por isso, considerou-se que as transformações demográficas e sócio-espaciais, advindas do contato com o mundo do outro, além de produzir espacialidades do medo e conflitos sociais, produzem, *a priori*, choques culturais, que possibilitam na realidade local (re)criar símbolos inscritos na cidade de Altamira.

PARA NÃO CONCLUIR

Antes de tudo, o mote no texto, está em ensaiar e possibilitar novas leituras sobre os múltiplos conteúdos do espaço na Amazônia. Desde o processo de integração desse espaço a economia-mundo, intensificado a partir de 1970, no qual tem se percebido transformações e rupturas na estrutura espacial, muitas vezes concretizando a produção de espacialidades do medo, até os processos recentes, como a instalação da UHE Belo Monte em 2011.

A estruturaço da metodologia com a análise empírica e a coleta de dados secundários possibilitou perceber a formação de espacialidades do medo na cidade de Altamira, a sistematizaço e a análise dos dados revelou o aumento da criminalidade e ratificou o sentimento de medo e de insegurança da população local. Criando um universo de entendimento de que as transformações demográficas (aumento populacional) dissociado de políticas públicas que concretizem o desenvolvimento e melhorias de vida, causam a precarizaço do espaço social.

Nesse contexto, concretizam-se possibilidades de instigar perguntas e desafios para o entendimento das transformações do índice de criminalidade como propulsor de transformações culturais, não como se uma precedesse a outra, mas num processo

concomitante e dialético da estruturação do todo social. Qual a forma de mitigar o aumento da criminalidade com a implantação de um grande projeto? Como conscientizar a população sobre a prevenção do crime? Esses desafios elencados devem ser pensados por toda a sociedade, escamoteia-se que o Estado ou mesmo o capital são os únicos ou invariáveis agentes que devem se mobilizar para conseguir solucionar os problemas, acredita-se que toda a sociedade, nas suas diferentes parcelas, tem uma função social importante.

A transformação sócio-espacial e a criação de espacialidades do medo possibilitaram versar sobre a materialidade e a imaterialidade característica da população de Altamira. Contexto no qual o aumento da violência tem produzido, provavelmente, em toda a cidade, mesmo que desigualmente, a reprodução de espacialidades instáveis, de espacialidades do medo.

Analisar o aumento de algumas negativas sociais, como elencado no escopo do texto, requer pensar e executar políticas sociais que objetivem diminuir tais problemáticas, para tanto, crer-se na ineficiente integração dos órgãos de modo geral, como um obstáculo para a materialização do desenvolvimento social, da cidadania e do direito a cidade, que Lefebvre (2001) aponta como a forma superior dos direitos. A contribuição perspicaz para a ciência geográfica é que se torna necessário pensar o espaço e a sociedade como inerentes a uma dialética, e que pensar o desenvolvimento sócio-espacial requer compreender as várias escalas e os vários agentes que coexistem na estrutura espacial.

No entendimento de que é preciso construir uma geografia para o desenvolvimento, que quebre com leituras reducionistas a respeito do espaço amazônico, e que estabeleça desafios teóricos, epistemológicos e práticos para o desenvolvimento de estudos que busquem melhorar (mesmo que idealmente) a realidade local, entendendo o desafio de aproximar a pesquisa da realidade local e da voz dos agentes de produção do espaço que vivenciam as espacialidades elencadas neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Amazônia Paraense de Amparo à Pesquisa - FAPESPA, Edital 005/2014. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Edital Ciências Humanas 2014.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACERVO GEDTAM. Entrevistas com líderes de movimentos sociais. Altamira, 2012.

ACERVO GEDTAM. Entrevistas com moradores do Baixão do Tufi. Altamira, 2014.

A violência que veio com a usina. 2011. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/183241_A+VIOLENCIA+QUE+VEIO+COM+A+USINA Acesso em: 15 de setembro de 2014.

BECKER, B. K. Amazônia: Geopolítica na virada do III Milênio. Rio de Janeiro, Garamond, 2009. 168.p

BECKER, B. K. A Amazônia e a política ambiental brasileira. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K.; Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3 Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. 416p.

- BRANDÃO, C. A. Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas: Unicamp, 2007. 238 p.
- CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L.; Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. 5 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003. 352 p.
- CORRÊA, F. B. A busca por segurança: imaginário do medo e geografia urbana. Revista Contemporânea. Ed.14. Vol.8, N1. 2010. pp.88-105.
- CHAGAS, C. A. N.; NUNES da SILVA, C.; PALHETA da SILVA, J. M. Território, Produção do Espaço e Violência Urbana: Uma Leitura Geográfica dos Homicídios na Região Metropolitana de Belém. Anais VII CBG, Vitória. 2014, p.1-12.
- DIAS, C. N.; CHAGAS, C. A. N.; Periferização e homicídio: Estudo sobre a espacialização da violência no Município de Ananindeua/PA. Anais VII CBG, Vitória. 2014, p.1-9.
- LOUREIRO, V. R. "Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir". Revista Estudos Avançados. Vol.16, n.45, São Paulo, mai/ago 2002.
- QUEIROZ, I. S.; Espacialidades do medo em Fortaleza: a violência como vetor de mudanças no espaço urbano da capital cearense. Revista da Casa de Geografia de Sobral. Vol.2. n.1, 2001.
- HERRERA, J. A. Desenvolvimento capitalista e realidade da produção agropecuária familiar na Amazônia Paraense. 2012. 365 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 2012.
- HERRERA, J. A.; MIRANDA NETO, J. Q.; MOREIRA, R. P . Integração e estruturação do território Amazônico como consequência da expansão capitalista no Brasil. Boletim de Geografia (Online), v. 31, p. 19-36, 2013.
- HERRERA, J. A.; MOREIRA, R. P. Resistência e conflitos sociais na Amazônia paraense: a luta contra o empreendimento hidrelétrico de Belo monte. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 8, n. 16, p. 130-151, ago., 2013.
- LEFEBVRE, H. O direito à cidade. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo. Centauro, 2001. 144p.
- MOREIRA, R. Geografia e Práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas. São Paulo: Contexto, 2012.
- NORTE ENERGIA. Relatório Online da Norte Energia. Altamira, 2014.
- Polícia Civil divulga os dados da criminalidade em altamira e região. 2011. Disponível em: <http://fatosregionais.blogspot.com.br/2012/02/policia-civil-divulga-os-dados-da.html> Acesso em: 15 de setembro de 2014.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 5º Ed. São Paulo: Edusp, 2012. Coleção Milton Santos.
- SANTOS, J. V. T. As Novas Terras como forma de dominação. Lua Nova – Revista de cultura e política (São Paulo), n 23, março/1991.
- SOUZA, M. L. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.
- TRINDADE Jr. S. C.; Cidades na floresta: os "grandes projetos" como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n.50, p.13-137, 2010.
- TRINDADE Jr. S. C.; ROCHA G. de M. (org). Cidade e empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local. Belém: Paka-Tatu, 2002.